

**Gênero, sexualidade e diversidade na escola: resultados de um projeto de
pesquisa desenvolvido no Ifnmg, *Campus Salinas***
**Gender, sexuality and diversity at a school: results of a research project developed at
Ifnmg, *Campus Salinas***
**Género, sexualidad y diversidad en la escuela: resultados de un proyecto de
investigación desarrollado en el Ifnmg, *Campus Salinas***

Recebido: 19/06/2019 | Revisado: 21/06/2019 | Aceito: 25/06/2019 | Publicado: 27/06/2019

Thiago José Francisco

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1848-466X>

Secretaria de Estado de Educação de Minas Gerais, Brasil

E-mail: thiago.francisco@educacao.mg.gov.br

Santina Aparecida Ferreira Mendes

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3745-9512>

Instituto Federal do Norte de Minas Gerais, Brasil

E-mail: santina.mendes@ifnmg.edu.br

Ana Clara Gonçalves Alves de Meira

Instituto Federal do Norte de Minas Gerais, Brasil.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0429-7211>

E-mail: ana.meira@ifnmg.edu.br

Resumo

Gênero, sexualidade e diversidade na escola ainda são conceitos que parecem distantes da realidade, provocando situações de exclusão e preconceito no ambiente escolar. Assim, o objetivo deste artigo é identificar e analisar crenças e percepções dos professores/as do campus *Salinas* em relação às questões de gênero e sexualidade. Para isso, baseamo-nos em resultados de um projeto de pesquisa, que analisou as concepções dos docentes do Instituto Federal do Norte de Minas Gerais (IFNMG), *campus Salinas*, acerca desses conceitos. A abordagem metodológica foi por meio de uma pesquisa quali-quantitativa. Para coleta de dados, foram aplicados questionários eletrônicos a todos os docentes do referido *campus*. Ademais, os resultados evidenciaram que a maioria dos docentes não recebem orientação sobre como lidar com essas questões, o que demonstra a necessidade de se construir uma

prática pedagógica inclusiva e multidimensional. Logo, acreditamos que a pesquisa contribuiu tanto para demonstrar a importância de se trabalhar essa temática na escola quanto para identificar os preconceitos e as práticas discriminatórias em relação à diversidade sexual e de gênero existentes no espaço escolar.

Palavras-chave: Gênero. Diversidade. Sexualidade.

Abstract

Gender, sexuality and diversity at school still seem to be distant concepts from reality, leading to situations of exclusion and prejudice in the school environment. Thus, this article aims at identifying and analyzing the teachers' beliefs and perceptions within the context of the Federal Institute of Northern Minas Gerais, Salinas *campus*, regarding sexuality and gender issues. In order to do so, we have based on the results of a research project that analyzed the teachers' conceptions about these concepts at the campus. The methodological approach was held by qualitative and quantitative research. Electronic questionnaires were made available for all teachers of the mentioned *campus* for data collection. Furthermore, the results showed that most of the teachers do not receive prior orientation to tackle these issues and thus, there is the necessity to build an inclusive and multidimensional pedagogical practice. Hence, we believe the research has contributed to show the importance of the theme as well as identify prejudice and discriminatory practices regarding sexual diversity and gender present in the school environment.

Keywords: Gender; Diversity; Sexuality.

Resumen

Género, sexualidad y diversidad en la escuela todavía son conceptos que parecen alejados de la realidad, produciendo situaciones de exclusión y prejuicio en el ambiente escolar. Asimismo, el objetivo de este artículo es identificar y analizar creencias y percepciones de los profesores y de las profesoras del Instituto Federal do Norte de Minas Gerais (IFNMG), *Campus* Salinas, acerca de las cuestiones de género y sexualidade. Para eso, nos basamos en los resultados de un proyecto de investigación que analizó las concepciones de los docentes de ese *campus* sobre tales conceptos. El abordaje metodológico fue por medio del análisis cuali-cuantitativo. Para la recolección de datos, fueron aplicados cuestionarios interactivos a todos los docentes del *campus* referido. En virtud de ello, los resultados evidencian que la mayoría de los docentes no reciben informaciones sobre cómo tratar esas cuestiones, lo que demuestra la necesidad de que se construya una práctica pedagógica incluyente y

multidimensional. Luego, ceemos que la investigación ha contribuido tanto para enseñar la importancia de ese tema como para identificar los prejuicios y las prácticas de discriminación respecto a la diversidad sexual y de género que hay en el espacio educativo.

Palabras clave: Género; Diversidad; Sexualidad.

1. Introdução

Por que investigar gênero, sexualidade e diversidade na escola? Como os processos de inclusão/exclusão permeiam as questões de gênero e sexualidade presentes no cotidiano escolar? Qual a relação dessa temática com a construção de uma proposta de educação inclusiva e da ética da solidariedade e respeito à diversidade humana nos cursos ofertados pelo Instituto Federal do Norte de Minas Gerais (IFNMG), *campus* Salinas?

Com a intenção de buscarmos respostas a essas questões, desenvolvemos no *campus* supracitado um projeto de pesquisa para verificar como *gênero, sexualidade e diversidade* são trabalhados no contexto escolar.

Ressalta-se que o interesse pelo tema nasceu do projeto *Consciência Negra*, desenvolvido no *campus* Salinas, em 2016, em que, nesse contexto, foi trabalhado com os estudantes das segundas séries dos cursos Técnicos Integrados ao Ensino Médio um recorte sobre preconceito e discriminação em relação a gênero e sexualidade. Assim, pôde-se observar o interesse dos discentes pelo assunto como também compreender, na prática da sala de aula, o discurso de Madureira e Branco (2015), quando afirmam que o preconceito e a discriminação em relação às identidades sexuais não hegemônicas acabam por se constituir em sofrimento psíquico (ansiedade, culpa, vergonha) por parte dos sujeitos que apresentam orientações distintas da heterossexualidade.

Perrenoud (2002) aponta a prática reflexiva como um espaço para o exercício da ética da solidariedade e do respeito à diversidade humana, âmago de uma atuação profissional autônoma, responsável e ética, pois possibilita uma reflexão crítica e a desconstrução sobre o que é tido como *normal* e *natural* conforme apontam diversos autores/as que vêm se dedicando aos estudos de gênero e sexualidade nos dias atuais.

Madureira e Branco (2015) destacam ainda que a maioria dos professores/as apresentam uma grande dificuldade em refletir sobre questões de gênero, cujo conceito parece distante da realidade e continua restrito ao universo acadêmico. Enquanto as discussões acadêmicas sobre gênero alcançam um nível teórico-conceitual cada vez mais sofisticado; nas escolas, a concepção de que as masculinidades e feminilidades são construções culturais ainda

é distante.

A invisibilidade da temática por parte de educadores e educadoras concorre para que as violências se perpetuem, embora muitos vejam isso como uma ameaça à família, aos valores morais, à própria vida em sociedade. Nessa perspectiva, é preciso questionar essa visão e refletir sobre “como o silêncio em relação a situações de discriminação por preconceito e violência de gênero contribui para a reprodução de uma ordem desigual e injusta” (Brasil, 2009, p. 108).

Na formação profissional docente, a práxis é de fundamental importância, por isso a relevância do investimento nos processos de reflexão sobre as ações pedagógicas realizadas no contexto escolar. Ao se situarem politicamente, como educadores e educadoras, esses sujeitos, corresponsáveis pela educação, ampliam o número de mediadores capacitados para a discussão mais consciente e responsável, tanto na dinâmica de gênero como na dinâmica da sexualidade, enfatizando os ensinamentos de Louro (1997, p. 27), que esclarece que “as identidades são sempre construídas, elas não são dadas ou acabadas num determinado momento”. Desse modo, levando em conta a importância de se trabalhar temáticas relacionadas com o gênero, a diversidade e a sexualidade na escola, este artigo tem o intuito de identificar e analisar crenças e percepções dos professores/as do campus *Salinas* em relação às questões de gênero e sexualidade.

2. Gênero, sexualidade e diversidade na escola

No contexto escolar, observa-se que a sexualidade, ao longo da história, foi negada tendo em vista disciplinar, rotular e *normalizar* os indivíduos, tornando-se, assim, instância privilegiada de exclusão, coerção e formação de padrões nitidamente regulados para o gênero e a sexualidade dos estudantes. Apesar das transformações ocorridas no seio da sociedade acerca do tema, percebe-se ainda que a escola é um importante espaço de produção e reprodução dessas concepções excludentes.

O conceito de gênero nasceu do diálogo do movimento feminista com suas teóricas e pesquisadoras, tais como a filósofa existencialista francesa, Simone de Beauvoir, que, em 1949, escreveu o livro *O segundo sexo: fatos e mitos*. É dela a famosa frase “não se nasce mulher, torna-se mulher”, em que buscava descartar qualquer determinação *natural* da conduta feminina, dar continuidade e impulsionar os movimentos em defesa dos direitos das mulheres que vinham ocorrendo desde o final do século XIX.

Assim, o conceito de gênero está ligado diretamente à história do movimento feminista contemporâneo e implicado linguística e politicamente nas lutas de um movimento social organizado – o feminismo – que no Ocidente se remete ao século XIX. No século XX, as manifestações contra a discriminação feminina adquiriram maior expressividade e visibilidade no chamado *sufragismo*, ou seja, movimento formado para estender o direito ao voto às mulheres, passando a ser reconhecido como a *primeira onda* do feminismo. Na década de 1960, o feminismo em sua *segunda onda*, além das preocupações sociais e políticas, começou a construir as suas bases teóricas e a engendrar e problematizar o termo gênero. O ano de 1968 torna-se um marco da rebeldia e da contestação: intelectuais, negros, mulheres, jovens expressam sua inconformidade em relação aos arranjos sociais e políticos, à discriminação, à segregação e ao silenciamento. Nesse contexto, o movimento feminista contemporâneo ressurgiu através de livros, revistas, jornais, ou seja, dos estudos feministas e seu caráter político (Louro, 1997).

Para as Ciências Sociais e Humanas, o conceito de gênero refere-se à construção social do sexo anatômico. A maneira de ser homem e de ser mulher é realizada pela cultura. Os modos como homem e mulher se comportam em sociedade correspondem a um intenso aprendizado sociocultural. Explicações que tomam a Biologia para tratar das diferenças de gênero encobrem o longo processo de socialização que nos tornou humanos/humanas e que divide os indivíduos em gêneros distintos (Brasil, 2009).

O conceito de gênero é uma construção social, cultural e histórica das diferenças e distinções sexuais entre homens e mulheres (Scott, 1989), gênero e sexualidade, mesmo sendo distintos conceitualmente, são categorias articuladas e inter-relacionadas. A sexualidade, assim como o gênero, pode ser considerada uma construção social, cultural e histórica, embora carregue consigo uma matriz biológica bastante enraizada (Louro, 2000).

A escola, entre outras instituições, esforça-se para determinar o que seja *natural* em relação ao sexo e, normalmente, essas determinações são justificadas em nome de Deus e da Natureza, encobrindo o fato de que tais regras são construções sociais (Brasil, 2009). Dessa forma, entende-se a relevância de se trabalhar as diferenças sexistas no espaço escolar.

Nesse sentido, a escola tem um papel fundamental na desmistificação dessas diferenças, além de ser um importante instrumento na construção de valores e atitudes, que permite um olhar mais crítico e reflexivo sobre as identidades de gênero, em vez de ser um lugar de práticas de desigualdades e de produção de preconceitos e discriminações, como destaca Louro (1997).

3. Metodologia

A pesquisa, que é objeto de descrição neste trabalho, foi desenvolvida no IFNMG, *campus* Salinas e executada em 2017, sob os preceitos de uma análise quali-quantitativa. Além disso, o intuito foi envolver todos os docentes (efetivos e temporários) que atuavam nos diversos níveis e modalidades de cursos ofertados pela instituição.

A pesquisa qualitativa supõe o contato direto do pesquisador com o ambiente e a situação que está sendo investigada, pois os fenômenos são muito influenciados pelos seus contextos. Sem qualquer manipulação intencional do pesquisador, esse tipo de pesquisa é também chamado de naturalístico. O material obtido nessas pesquisas é rico em descrição de pessoas, situações e acontecimentos e, por isso, utiliza transcrições de entrevistas, depoimentos, fotografias etc. para subsidiar ou esclarecer um ponto de vista. Todos os dados da realidade são considerados importantes. A preocupação com o processo é muito maior do que com o produto, preocupando-se em capturar a perspectiva dos participantes, ou seja, como eles percebem as questões que estão sendo focalizadas (Bogdan & Biklen, 1994).

Para a coleta de dados foi utilizado um questionário eletrônico, o qual foi encaminhado por e-mail a todos os professores do *campus*. As questões abertas, principalmente, visavam construir uma compreensão mais aprofundada sobre o objeto de investigação. Os dados obtidos foram analisados a partir das concepções e crenças dos docentes, manifestadas em seus discursos, que, para Minayo (2001), representa uma análise de informações sobre o comportamento humano, visando à descoberta do que está por trás dos conteúdos manifestados.

4. Resultados e discussão

Participaram da pesquisa 12 (doze) docentes (três professoras e nove professores), os quais são docentes efetivos do *campus Salinas*, atuando, no momento da pesquisa, nos cursos Técnicos Integrados ao Médio e Superior, com tempo de atuação no magistério de 2 a 29 anos, com idade entre 29 e 53 anos, sendo a maioria residente no município de Salinas – MG. Destaca-se que 66,7% dos entrevistados são católicos, 25% não possuem religião e 8,3% se autodeclararam espíritas, sendo tal aspecto extremamente relevante, já que cada religião trata a diversidade e sexualidade de uma forma hegemônica, ou seja, conforme seus preceitos/dogmas.

Dos entrevistados, seis declararam ter concluído o mestrado; quatro, o doutorado, e dois, pós-graduação *latu sensu*. A formação acadêmica dos respondentes é considerada bastante satisfatória, entretanto parece ser ineficaz/ineficiente se analisada no âmbito das questões referentes a este estudo, pois 66,7% dos entrevistados manifestaram que não receberam orientação/capacitação em sua trajetória acadêmica a respeito dessas questões. Os que alegaram ter tido alguma orientação/capacitação sobre o tema, afirmaram que essa foi feita de forma aligeirada, o que não os preparou para lidar com tais temáticas. Esse fato confirma o que Madureira e Branco (2015) destacam em seus estudos sobre a grande dificuldade dos docentes em refletirem a respeito das questões de gênero e do aspecto das construções culturais das masculinidades e feminilidades, devido à falta de capacitação.

Diante da pergunta: *Você acha que a sociedade espera algo diferente do homem e da mulher, como, por exemplo, expectativas diferentes quanto à profissão e às relações pessoais?*, observou-se que a maioria respondeu *meiga, recatada, fiel e submissa aos homens*, ao se referir à mulher, adjetivos que revelam que o lugar da mulher ainda é o de subalternidade e de *invisibilidade*, conforme se depreende no discurso dos entrevistados:

Recatada, que não tenha vícios ou já tenha tido muitos parceiros sexuais, que trabalhe em profissões ou cargos específicos ‘para mulheres’, que não saia sozinha ou esteja fora de casa em determinados horários, que cuide da casa e do marido, que saiba cozinhar, que tenha um corpo magro, dentre outras exigências (Docente entrevistado).

Apesar disso, já se anteveem mudanças significativas e se percebem discursos com vieses emancipatórios e libertadores que apontam para uma nova concepção de gênero, conforme se expressa um dos entrevistados:

Penso que os papéis sociais de homens e mulheres têm mudado significativamente ao longo do tempo e de forma muito mais intensa nos últimos anos, mas infelizmente ainda convivemos com preconceito de gênero e com violência contra as mulheres o que demonstra que ainda está presente na sociedade a concepção que as mulheres são inferiores aos homens, o que pode ser demonstrado também pelas diferenças salariais e pela ocupação dos cargos mais altos na gestão pública e privada (Docente entrevistado).

Questionados sobre o que a sociedade espera dos homens, o entendimento da maioria dos entrevistados é o de que vivemos em uma sociedade machista e heteronormativa¹, conforme se pode verificar nos discursos abaixo:

Durão, trabalhar mais do que as mulheres (Docente entrevistado).

Ativo e aventureiro, sempre disponível para o sexo e conquistador (Docente entrevistado).

Mas, nesse contexto, também, verificam-se discursos que propõem uma nova mudança de paradigma de gênero:

Não seja machista ou homofóbico; que realize tarefas domésticas como obrigação, não como auxílio à esposa/mãe; que considere uma mulher "pegadora" e não "puta/galinha/safada", etc. (Docente entrevistado).

Vale ressaltar que quando nos referimos a gênero, não estamos nos referindo apenas a mulheres, pois, o gênero é utilizado para designar as relações sociais entre os sexos, rejeitando explicitamente as justificativas biológicas. A informação a respeito das mulheres é necessariamente informação sobre os homens. O gênero é uma maneira de indicar as *construções sociais* das ideias sobre os papéis próprios aos homens e às mulheres. Diz respeito às origens sociais das identidades subjetivas dos homens e das mulheres (Scott, 1989).

No que se refere ao questionamento sobre qual o papel da escola na (des)construção das relações de gênero, um dos entrevistados disse que:

Existem diversos tipos de escolas, algumas podem contribuir para reforçar a desigualdade de gênero e outras podem contribuir para reduzir (Docente entrevistado).

Questionados sobre se já lidaram em sala de aula com questões relacionadas à sexo (gravidez, relações sexuais, entre outras) e/ou orientações sexuais (homossexualidade, bissexualidade, heterossexualidade), os entrevistados assim se posicionaram:

¹ É válido ressaltar que *heteronormatividade* relaciona-se com os ditados sociais que limitam os desejos sexuais, as condutas e as identificações de gênero, os quais são admitidos ou aceitáveis àqueles ajustados ao par binário masculino/feminino (Brasil, 2009).

Vejo alunos agindo com preconceito. Vejo meninos e meninas cobrando a postura machista dos demais. É uma situação difícil. Quando um aluno tem preconceitos em relação à sexualidade de outros, o professor pode atuar tentando aproximá-los, mas isso pode criar atritos elevados (Docente entrevistado).

Alunas muito novas, que ficaram grávidas sem estar prontas, algumas inclusive o pai da criança não quis ficar junto com ela causando forte impacto e comprometendo os estudos. Homossexuais resolvidos e outros em fase de transição, desorientados (Docente entrevistado).

No tocante à questão do preconceito, a maioria disse que já presenciou situação em sala de aula ou em outro ambiente escolar em que um(a) aluno(a) foi alvo de deboche por parte de colegas, por apresentar comportamentos culturalmente inadequados em relação ao seu sexo, conforme se depreende do discurso abaixo:

Já presenciei cenas de discriminação e *bullying* a alunos homossexuais por parte dos colegas (Docente entrevistado).

Dos entrevistados, 66,7% já presenciaram situações de *bullying* entre estudantes, principalmente em relação aos que se autodeclaram homossexuais, fato que revela o quanto o ambiente escolar é predominantemente heteronormativo e excludente. Para 58,3% dos professores, o homossexualismo é genético e aprendido; para 16,7%, genético; 8,3% acreditam que é aprendido e 16,7%, não souberam dizer. Somente um professor alegou ter conhecimento sobre um trabalho de educação sexual sendo desenvolvido pelo *campus* Salinas, dez alegaram que trabalhos dessa natureza deveriam ser desenvolvidos em virtude da sua importância na prevenção/minimização do *bullying* e na promoção da justiça, ética e igualdade. A maioria dos professores propuseram que esse tema fosse apresentado/discutido por meio de palestras, cursos, filmes, debates, músicas, entre outros.

Sabemos que a escola delimita espaços através de seus símbolos, códigos e linguagem. Ela afirma o que cada um pode ou não fazer, separa e institui. Aponta os lugares das meninas e dos meninos. A escola, através de suas práticas cotidianas, faz com que os sujeitos interiorizem e considerem *naturais* as diferenças entre meninos e meninas. Entretanto, é na escola que precisamos desenvolver projetos que visem desnaturalizar e desconstruir essa percepção a fim de superar/minimizar o preconceito e o processo de adoecimento/sofrimento físico e emocional por que passam muitos estudantes.

5. Considerações finais

Portanto, nota-se que a pesquisa realizada, ao identificar e analisar crenças e percepções dos professores/as do campus *Salinas* em relação às questões de gênero e sexualidade, contribuiu, de forma significativa, para dar maior visibilidade ao tema, bem como possibilitou identificar os preconceitos e as práticas discriminatórias em relação à diversidade sexual e de gênero no espaço escolar. Contribuiu ainda para se pensar como as diferenças sexuais, raciais, étnicas, culturais são construídas e fixadas a partir das maneiras como passam a ser valorizadas ou negadas pela sociedade. Verdades impostas, as quais devem ser questionadas de maneira a repensar as questões que foram consagradas ou marginalizadas. Falando de outro modo, rearranjar e reinventar a história para que ela possa tornar-se plural.

Vale destacar, entretanto, que o desenvolvimento do projeto não nos possibilitou analisar/compreender todas as questões relacionadas com o nosso objeto de estudo dada a sua complexidade, mas a pesquisa permitiu iniciar uma problematização de modelos opressores que são responsáveis pela invisibilidade dos sujeitos em função do seu gênero e de sua orientação sexual.

Referências

- Beauvoir, S. (1980). *O segundo Sexo: fatos e mitos*. Tradução de Sérgio Milliet. 4 ed. São Paulo: Difusão Europeia do Livro.
- Bogdan, R. C., Biklen, S. K. (1994). *Investigação qualitativa em educação*. Tradução de Maria João Alvarez, Sara Bahia dos Santos e Telmo Mourinho Baptista. Porto: Porto Editora.
- Brasil. (2009). *Gênero e diversidade na escola: formação de professoras/es em gênero, sexualidade, orientação sexual e relações étnico-raciais*. Caderno de atividades. Rio de Janeiro: CEPESC.
- Louro, G. L. (1997). *Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista*. 10 ed. Petrópolis: Vozes.
- Louro, G. L. (2000). *Currículo, gênero e sexualidade*. Porto: Editora Porto.
- Madureira, A. F. do A., Branco, A. U. (2015). Gênero, sexualidade e diversidade na escola a partir da perspectiva de professores/as. *Temas em Psicologia*. Ribeirão Preto, v. 23, n. 3, p.

577-591. Disponível em:<
http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-389X2015000300005>.
Acesso em: 4 fev. 2017.

Minayo, M. C. S. (Org.). (2001). *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. Rio de Janeiro: Vozes.

Perrrenoud, P. (2002). *A prática reflexiva no ofício do professor: profissionalização e razão pedagógica*. Porto Alegre: Artes Médicas.

Ribeiro, D. (2013). Para além da Biologia: Beauvoir e a refutação do sexismo biológico. *Sapere Aude*. Belo Horizonte, v.4 n.7, p.506-509. 1º sem. Disponível em:<
<http://periodicos.pucminas.br/index.php/SapereAude/article/view/5565>>. Acesso em: 30 jan. 2017.

Scott, J. (1989). Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação e Realidade*, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 71-99, julho/dezembro.

Porcentagem de contribuição de cada autor no manuscrito

Thiago José Francisco – 35%

Santina Aparecida Ferreira Mendes – 35%

Ana Clara Gonçalves Alves de Meira – 30%